

O QUE FAZER COM O JORNALISMO?

Copyright © 2014
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

BARBIE ZELIZER
Universidade da Pennsylvania, Estados Unidos

RESUMO: Começo com uma questão que pode parecer muito trabalhosa para os leitores deste artigo, mas que acredito deter alguns dos temas-chave associados ao jornalismo contemporâneo. “O que fazer com o jornalismo?” é uma questão que tem dimensões não apenas conceituais – como em o que estudamos quando pensamos sobre o jornalismo? –, mas também pedagógicas – como ensinar o que pensamos saber? – e, mais importante, pragmáticas – o que é jornalismo hoje e como vamos continuar a praticá-lo no futuro? Neste artigo eu gostaria de refletir sobre alguns dos mais importantes desafios para o estudo do jornalismo contemporâneo. Vou pensar a partir do meu próprio trabalho, que se foca em parte na questão fundamental de para que serve o jornalismo.

Palavras-chave: Ensino de Jornalismo. Contextos Disciplinares. *Newsmaking*.

¿QUÉ HACER CON EL PERIODISMO?

RESUMEN: Comienzo con un interrogante que puede parecer muy complicado para los lectores de este artículo, pero que creo contiene varios temas clave asociados al periodismo contemporáneo. “¿Qué hacer con el periodismo?” es una pregunta que tiene dimensiones no solo conceptuales —como ¿qué estudiamos cuando pensamos sobre el periodismo?—, sino también pedagógicas —¿cómo enseñar lo que pensamos saber?— y, más importante, pragmáticas —¿qué es el periodismo hoy y cómo vamos a continuar practicándolo en el futuro?—. En este artículo me gustaría reflexionar sobre algunos de los desafíos más trascendentales para el estudio del periodismo contemporáneo. Lo haré a partir de mi propio trabajo, que se centra en parte en la cuestión fundamental de para qué sirve el periodismo.

Palabras clave: Enseñanza de periodismo. Contextos disciplinares. *Newsmaking*.

WHAT TO DO ABOUT JOURNALISM? JOURNALISM AND THE INTERNATIONAL ACADEMIC WORLD

ABSTRACT: I begin with a question that may seem to be labor the point to readers of this article but which I believe holds some of the key issues associated with contemporary journalism. “What to do about journalism?” is a question that has not only conceptual dimensions – as in what do we study when we think about journalism -- but also pedagogic ones -- how do we teach what we think we know -- and, most importantly, pragmatic ones -- what is journalism today? And how will we continue practicing it into the coming era? on this article I would like to think through some of the most important challenges facing the study of contemporary journalism. I'll be drawing from my own work that has been somewhat focused on the fundamental question of what journalism is for.

Keywords: Journalism education. Disciplinary frames. *Newsmaking*

INTRODUÇÃO

Numa época em que o próprio jornalismo abrange de blogs personalizados aos talk-shows satíricos da televisão, tarde da noite, e em que o seu estudo ocorre em áreas tão diversas como a comunicação, a antropologia, os estudos literários e a sociologia, levantar a pergunta “o que fazer com o jornalismo?” pode parecer uma tentativa desnecessária de questionar a viabilidade futura de um fenômeno que está quase em toda parte nos dias de hoje. Mas pretendo argumentar que, estando em todos os lugares, o jornalismo, de fato, não se encontra em lugar nenhum. Pois sua prática e seu estudo ultrapassaram seus limites há muito tempo reconhecidos, sem produzir a devida atenção ao que significa pensar, em sentido amplo, sobre o jornalismo.

Então, o que quero fazer aqui é voltar um pouco atrás e pensar sobre a natureza do cenário da prática e do estudo do jornalismo, e sobre como esse pano de fundo nos permitiu avançar no caminho que temos percorrido. O que temos privilegiado? E o que temos deixado de lado? Ao fazer isso, vou argumentar que precisamos desafiar o *status* do cenário do estudo do jornalismo, porque ele ajudou a produzir muitas das dúvidas e questões que assolam seu reconhecimento como área e fenômeno que vale a pena abordar. Em nenhum lugar, talvez, isso seja tão crítico quanto no pensamento sobre os estudos de jornalismo no contexto internacional. Embora a maioria das minhas observações sejam feitas a partir do contexto que melhor conheço – o dos Estados Unidos –, minha esperança é criar um paralelo com os diversos contextos internacionais em que o jornalismo existe, inclusive o Brasil.

Apesar de existir desde quando os públicos passaram a precisar de informação mediada sobre um mundo amplo, o jornalismo tem experimentado uma existência irregular e pontual junto ao mundo. Quando George Orwell acrescentou citações de jornais a seu primeiro livro, os críticos o acusaram de “transformar o que poderia ter sido um bom livro em jornalismo”. Histórias semelhantes marcam as origens jornalísticas de gigantes literários como Charles Dickens, Samuel Johnson, John Dos Passos, André Malraux, Dylan Thomas e John Hersey. Reações como essas ainda proliferam, apesar de uma profunda dependência do jornalismo, não apenas para nos situar *vis-à-vis* ao coletivo mais amplo, mas também para usar essa situação como um ponto de partida para formas mais elaboradas de nos posicionarmos e compreender o mundo.

Onde estaria a história sem o jornalismo? Com o que a literatura se pareceria? Como poderíamos entender o funcionamento do sistema

político? Enquanto fenômeno, o jornalismo se estende de várias maneiras através das quais nos unimos em um coletivo e, ainda assim, a réplica “é só jornalismo” persiste. O que se passa com o jornalismo, que desencadeia tais reações? Por que o jornalismo enfrenta continuamente problemas em encontrar um lugar que lhe seja próprio? Por que o jornalismo não é prontamente apreciado, com todas as contradições, problemas, limitações e anomalias que o acompanham?

Proponho estudar essas questões fazendo três coisas: primeiramente, rastrear um pouco algumas das lentes conceituais por meio das quais o pensamento sobre o jornalismo ganha sentido. Em segundo lugar, pensar em meio ao terreno em que o conhecemos hoje: isso inclui tanto abordar as relevantes – e problemáticas – populações em risco no estudo do jornalismo, quanto aprofundar um pouco mais os principais caminhos que tendemos a trilhar em seu estudo. Em terceiro, sugerir alguns ajustes sobre a melhor forma de acomodar essas populações em risco e ainda concordar em que estamos praticando e estudando, de fato, o jornalismo. O que pensamos depende de como pensamos e com quem, e talvez em nenhum lugar isso tenha sido tão desenvolvido como na sociologia do conhecimento.

Thomas Kuhn tem sido mais diretamente associado à agora bastante fundamental noção de que a investigação depende da construção do consenso, no desenvolvimento de paradigmas compartilhados que nomeiam e caracterizam problemas e procedimentos em modos reconhecidos pelo coletivo. No percurso para estabelecer o consenso, indivíduos que defendem percepções concorrentes batalham sobre definições, termos de referência e limites de inclusão e exclusão. Uma vez estabelecido o consenso, novos fenômenos tendem a ser classificados por linhas já comprovadas. Em outras palavras, o que pensamos tem uma forma e um alicerce predeterminado, que privilegia comunidade, solidariedade e poder.

Essa noção vai muito além do trabalho de Kuhn e foi implicada na vida acadêmica por Durkheim, Robert Park, Foucault, Berger e Luckman, bem como Nelson Goodman – todos os quais sustentam (de modos diferentes) que o grupo social é fundamental para o estabelecimento de formas de conhecer o mundo. A ideia de comunidades interpretativas, originalmente sugerida por Stanley Fish e desenvolvida por mim e por outros, ajuda-nos a situar as estratégias de compartilhar conhecimento como parte integrante do conhecimento que disso resulta. Como argumenta a antropóloga Mary Douglas, “a verdadeira solidariedade só é possível na medida em que os indivíduos compartilham as categorias de seu pensamento”. Investigação,

portanto, não é apenas um ato cognitivo, mas também social.

O que isso sugere para o estudo do jornalismo é um convite a pensar sobre os grupos sociais envolvidos em lhe dar forma. Nesse sentido, no estudo do jornalismo nenhuma voz é melhor ou mais autorizada do que outras. Nem sequer há uma visão unitária do jornalismo a ser encontrada. Em vez disso, diferentes vozes oferecem mais – e mais completas – maneiras de entender o que é o jornalismo, cada voz tendo evoluído juntamente com suas próprias premissas sobre o que importa e de que maneira importa.

Como área de investigação, o estudo do jornalismo foi sempre algo insustentável. Negociadas por três populações – jornalistas, professores de jornalismo e pesquisadores acadêmicos de jornalismo –, sua centralidade, necessidade e até viabilidade estiveram sempre sob algum grau de ataque: cada um diz que os outros “não o compreendem”. Jornalistas dizem que os pesquisadores e os professores de jornalismo não têm que ficar lavando sua roupa suja; pesquisadores dizem que os jornalistas e os professores de jornalismo não são suficientemente teóricos; professores dizem que os jornalistas pensam pequeno e que os pesquisadores vivem nas nuvens.

O cerne das preocupações de todos – o que fazer com o jornalismo – é posto de lado, na medida em que todos se concentram em qual será a voz que se fará escutar em meio ao burburinho das vozes concorrentes. Subjacente à capacidade de falar sobre jornalismo, estão as tensões sobre quem pode invocar o direito de falar antes dos outros e quem está mais bem posicionado para sustentar esse direito. Vamos pensar, portanto, sobre essas vozes alternadas no estudo do jornalismo. Cada uma tem muito a ganhar – e a perder – quando falamos do jornalismo e de seu estudo. Cada uma constitui uma espécie de comunidade interpretativa, que define o jornalismo de acordo com os seus próprios objetivos e então estabelece estratégias de como pensar sobre ele em conexão com esses objetivos.

1 JORNALISTAS

Jornalistas são, por definição, as pessoas que põem todo esse fenômeno em movimento. O jornalismo se refere a uma ampla gama de atividades associadas ao fazer jornalístico, incluindo reportagem, crítica, editoriais e emissão de opiniões sobre a forma das coisas. A importância do jornalismo é inegável e, embora seja alvo de frequentes discursos, tanto de apoio quanto de crítica ao seu desempenho, não existe fala sobre o jornalismo que sugira sua irrelevância. Pelo contrário, as condições contemporâneas insistem na centralidade do jornalismo – como um conjunto de práticas, como uma coletividade de indivíduos,

como uma profissão e como instituição. Em cada caso, a importância do jornalismo cresce exponencialmente, desempenhando um papel crucial para ajudar as pessoas a entenderem tanto suas vidas cotidianas quanto as maneiras como se conectam ao corpo político mais amplo.

Nem tudo isso se comprova na prática. Sabemos que os jornalistas de hoje se encontram sob assédio de todos os lados. Vivem num ambiente em que os imperativos econômicos e as pressões orçamentárias obrigam os noticiários a funcionar como empresa com fins lucrativos e por isso os jornalistas se diversificam, assumindo um caráter multitarefas que as gerações anteriores não reconheceriam.

Politicamente, estão sob ataque da esquerda e da direita, que defendem diferentes definições da assim chamada prática jornalística, ao lado de um ambiente político que deprecia a capacidade do jornalista de atuar ao modo antigo. Eles também são, como os brasileiros bem sabem, pegos em vários tipos de envolvimento com o governo, com os interesses locais geralmente corruptos e com os militares. Como resultado, os jornalistas seguem, nem sempre refletidamente, vários modelos de prática, nenhum dos quais é totalmente adequado às complexidades do ambiente político de hoje.

Tecnicamente, os jornalistas enfrentam novos desafios da blogosfera e de outras esferas, o que enfraquece a própria realização do trabalho jornalístico. Nos Estados Unidos, os dois principais jornais e os noticiários transmitidos por rádio (exceto os programas matinais) estão perdendo seus públicos, enquanto um crescimento da imprensa étnica, da imprensa alternativa, do noticiário da TV a cabo e de locais alternativos, como os talk-shows de altas horas, os blogs e outros *sites online* (especialmente entre os jovens), sugere que a morte do velho sistema de ancoragem pode não ser o último bastião célebre do jornalismo, tal como o conhecemos, a sucumbir.

E finalmente, sobre os escândalos de nível moral, como os que envolvem Judith Miller ou Jayson Blair, nos Estados Unidos, ou o Gilligan Affair na Grã-Bretanha, todos levantaram questões sobre o estofamento moral dos jornalistas, abrindo o caminho para uma ênfase na mídia feita em casa, ou jornalismo cidadão, em que a função dos jornalistas está sendo ocupada e desenvolvida por cidadãos particulares. Assim, os jornalistas não têm sido tão eficazes como poderiam ser comunicar ao mundo o que fazer com o jornalismo. Persistem questões sobre a mudança de definições de quem é um jornalista (podemos incluir Matt Drudge e Jon Stewart?), quais tecnologias são instrumentos apropriados para o fazer jornalístico (os celulares e os blogs estão entre eles?), e para que serve o

jornalismo – sua função é apenas fornecer informação ou mesclar mais agressivamente comunidade e cidadania?

Parte disso deriva do fato de que há uma série de visões concorrentes no núcleo de auto definição de jornalismo. Ele é uma técnica, uma profissão, um negócio, uma comunidade, uma mentalidade? Uma vez que, provavelmente, trata-se de um pouco de todas essas coisas, é necessário entender melhor como cada uma trabalha com (e às vezes contra) as outras.

Isso é fundamental, pois mesmo questões básicas sobre as ferramentas usadas no jornalismo nunca foram realmente resolvidas. Aqui, proponho citar um problema em particular (que pode vir ao caso mais nos Estados Unidos do que no exterior, mas que vale a pena mencionar mesmo assim). A questão de como os jornalistas fazem o seu trabalho é acompanhada pelo simples fato de que as ferramentas do jornalismo não são igualmente valorizadas.

Imagens, particularmente, são um aspecto da notícia executado de maneira descuidada – vemos imagens sem legendas, sem créditos, sem relação identificável com os textos ao seu lado. Isso é altamente problemático, porque o visual é um dos aspectos da comunicação que vem à tona na crise, mesmo que não tenha sido suficientemente pensado. Após o início da guerra no Iraque ou mesmo do 11 de Setembro, vimos duas vezes e meia mais fotos nas capas de um jornal como o *New York Times* do que em tempos de paz. Porque o seu dito “uso correto” não foi descoberto, a apresentação das imagens é uma terra de ninguém: vemos as pessoas sempre reclamando que imagens dão em seus nervos. Isso significa que o fracasso do jornalismo em fazer seu trabalho permite que outros – políticos, lobistas, cidadãos preocupados, pais enlutados, até mesmo membros de milícias –entrem em ação em seu lugar.

Igualmente subvalorizado é o grau em que precisamos incorporar mais completamente a crise como regra do jornalismo, e não como exceção. Há mais coisas nas notícias que tomam forma por causa da improvisação, por pura sorte ou azar, ou tédio, do que gostamos de admitir. Mas, ao deixar esses aspectos fora do quadro, criamos a impressão de um jornalismo que transforma o próprio jornalismo em algo muito mais previsível e controlável do que é na realidade, e dificilmente reflete a forma pela qual funciona.

Levando tudo isso em consideração, não pode ser nenhuma surpresa que os jornalistas se encontrem no final da lista daqueles em que o público confia. Relatórios mostraram que, nos Estados Unidos, apenas 50% acreditam em seus jornais locais, com fortes quedas também

verificadas na confiança atribuída às emissoras de rádio e TV a cabo. Tudo isso faz dos jornalistas um grupo inacessível, a quem demandas como as necessidades do público, as circunstâncias inconstantes da produção jornalística ou os aspectos marginais à redação – como inspiração e criatividade – permanecem relativamente alheias.

2 PROFESSORES DE JORNALISMO

Professores de jornalismo se uniram em torno de uma forte necessidade de educar os novatos na técnica do jornalismo. Nos Estados Unidos, o ensino da técnica de redação começou na área de humanas por volta de 1900, quando a redação de notícias e a história do jornalismo passaram dos departamentos de Inglês para o início de um curso de jornalismo que, posteriormente, incluiu a ética e a lei. Outros esforços se desenvolveram no final dos anos 1920, nas ciências sociais, em que o impulso para estabelecer uma ciência do jornalismo posicionou a instrução da técnica – comumente chamada de cursos “práticos” – como 1/4 de um currículo que oferecia cursos de economia, psicologia, opinião pública e pesquisa de opinião. Professores de jornalismo foram, assim, capturados pelas tensões entre as humanidades e as ciências sociais, como qual o tipo de investigação poderia melhor ensinar os jornalistas a serem jornalistas. Para muitos essa divisão ainda se difunde, refletida no que comumente chamamos hoje de distinção quantitativa/qualitativa nas abordagens da notícia.

Esse interesse acadêmico ajudou a conectar os jornalistas com o mundo exterior, mas também provocou enormes danos ao ofício, nivelando-o por baixo com o que Jim Carey chamou de “sistema de sinalização”. Oferecendo, em princípio, um aprendizado ultrapassado, os professores de jornalismo, com o tempo, passaram a abordar o jornalismo dividindo-o em tecnologias de produção e separando jornais, revistas, televisão e rádio. Perdeu-se nessa abordagem o ponto em que o jornalismo poderia ser considerado como um todo, com muitas partes diferentes. E ao currículo resultante, mais uma vez na visão de Carey, em muitos casos ficaram faltando “compreensão histórica, crítica ou autoconsciência”. Ao contrário do Brasil, com sua própria e saudável tradição de crítica jornalística, o ensino de jornalismo no resto do mundo tem gerado dissonância no currículo universitário. Nas Humanidades, ele passou a ser visto como parte da redação, a vulgata. Nas Ciências Sociais, passou a ser visto como uma ferramenta para canalizar a opinião pública, mas sem importância em si e por si.

3 PESQUISADORES DE JORNALISMO

Finalmente, há os estudiosos de jornalismo que, apesar do enorme volume de literatura sobre valores, práticas e impacto do jornalismo – e aqui gostaria de apontar para a altamente desenvolvida tradição de pesquisa do Brasil como um exemplo –, ainda não produziram um quadro coerente do jornalismo. E, ainda assim, o jornalismo pode ser literalmente encontrado ao longo do currículo universitário.

O jornalismo é estudado em Comunicação, Estudos de Mídia, Escolas de Jornalismo, assim como nas metas menos óbvias das sequências de redação, História, em Inglês dos EUA e Estudos Americanos, Sociologia, Estudos Urbanos, Ciência Política, Economia e Negócios. O que isso significa é que muito do que eu disse até agora demonstra um tipo de dupla dificuldade no mundo acadêmico: porque acadêmicos frequentemente funcionam dentro dos limites (e contornos) das comunidades disciplinares, e o que eles estudam muitas vezes pressupõe o tipo e as perspectivas estabelecidas por essas comunidades. Sejam História ou Sociologia, essas disciplinas, que eu gosto de pensar como comunidades interpretativas, nos ajudam a determinar o que conta como evidência e de que maneiras. Da mesma forma, fazem julgamentos sobre que tipo de pesquisas não importam.

Então, como é que o jornalismo existe em meio ao currículo? O jornalismo tem sido abordado em bolsões, cada um dos quais isola certos aspectos do fenômeno: essa compartimentalização tem trabalhado contra um esclarecimento do que o jornalismo é, por examinar os trabalhos parciais do jornalismo, em vez de seu conjunto. O resultado tem sido uma área de estudo do jornalismo em guerra consigo mesma, com professores de jornalismo separados dos pesquisadores acadêmicos de jornalismo, com estudiosos de jornalismo da área de humanidades separados dos estudiosos formados em ciências sociais, e uma série de esforços acadêmicos independentes se configurando em uma variedade de disciplinas, sem o conhecimento compartilhado que é crucial para pesquisa acadêmica. Paralelamente a esses esforços, os jornalistas resistem há muito tempo às tentativas de examinar microscopicamente seu ambiente de trabalho.

Isso teve consequências problemáticas: tem sido necessário lidar com a diminuição das variedades das notícias. Como não produziram um conjunto de material que reflita todo o jornalismo, os estudiosos o definiram principalmente de maneiras que enfatizam a forma específica de *hard news* sobre as outras alternativas. Esse viés metonímico dos estudos acadêmicos tem, assim, aberto um

buraco crescente entre o que Peter Dahlgren chamou “as realidades do jornalismo e a sua apresentação oficial de si mesmo”. Não importam os editores de texto, designers gráficos, jornais de opinião, tablóides e os talk-shows satíricos noturnos. Em outras palavras, o mundo acadêmico incidiu em alguns pontos focais do pensamento sobre o jornalismo, que não levam em conta o vasto mundo do que o jornalismo é. A diversidade do noticiário tem, em sua maior parte, desaparecido.

Um destino semelhante se abateu sobre o ofício do jornalismo. O movimento do mundo acadêmico para profissionalizar os jornalistas – em grande parte impulsionado pela sua investigação sociológica – disse aos jornalistas que eles são profissionais (quer queiram ou não) e elevou os riscos envolvidos em ser um jornalista, muitas vezes em detrimento de quem pratica o ofício. As consequências disso têm sido tangíveis no Brasil, onde o movimento para adotar modelos profissionais – especialmente nos 20 anos após o retorno da democracia – muitas vezes significa que as noções tradicionais do ofício têm sido enterradas. Consequências também foram sentidas na Europa, onde a imposição de regras codificadas de entrada e exclusão produziu uma posição antiprofissionalizante, entre muitos jornalistas, exemplificada, no Reino Unido, por uma incapacidade de acomodar o número crescente de comentaristas especializados, ou, na França, por um estilo muito agressivo de reportagem investigativa. Como disse há muito tempo o correspondente britânico James Cameron, “é inútil compensar nossa insegurança, dizendo que pertencemos a uma profissão, é pretensioso e incapacitante; somos quando muito técnicos”. E, no entanto, a técnica, se é uma característica definidora do jornalismo, diluiu-se no panorama do que é necessário saber.

O mesmo destino restrito encontra diversas formas internacionais de jornalismo. Embora a prática do jornalismo assuma uma forma única nas diferentes regiões em que ocorre, a grande maioria dos estudos acadêmicos se concentra no jornalismo em lugares norte-americanos. Como muito dessa pesquisa é por natureza norte-americana, permanecendo em um muito limitado, mas honrado, padrão-ouro, para uma ampla gama de práticas jornalísticas implementadas em todo o mundo ela deixa sem resposta muitas perguntas sobre o jornalismo que pontua o horizonte global.

De igual importância, embora grande parte da história do jornalismo tenha se entrelaçado à história do Estado-nação, na era da globalização, somos fortemente pressionados a discutir se isso ainda funciona. Apesar de prontamente admitirmos que um dos principais efeitos da globalização tenha sido o de solapar a centralidade do Estado-

nação, o que ainda não fizemos foi tentar descobrir que tipo de impulso alternativo deve estar por trás do aparato jornalístico que se criou em seu lugar. Aqui menciono brevemente tanto o capitalismo, como o fundamentalismo religioso, os quais criaram novas fronteiras de inclusão e exclusão, ajustando assim a resposta sobre para que serve o jornalismo, por gravitar em torno de modos e prática jornalística que se desviam dos impulsos para os assim chamados programas de informação livre.

O que todas essas circunstâncias sugerem é que os estudiosos de jornalismo não fizeram o suficiente para tratar dos laços que os ligam novamente ao jornalismo em todas as suas formas. Isso é de fundamental importância, uma vez que temos um corpo de conhecimento sobre o jornalismo que, em grande parte, prega para os convertidos, mas pouco faz para criar um quadro de referência comum sobre como o jornalismo funciona ou para que serve o jornalismo. Então, o que deve ser feito? Proponho-me a mencionar o que tem acontecido no mundo acadêmico, porque acredito que ele oferece uma maneira efetiva de resolver as tensões e negociações que separam essas três populações e oferece maneira de restabelecer o interesse pelo jornalismo.

4 CINCO TIPOS DE ESTUDOS

São cinco as principais linhas de estudo sobre o jornalismo – sociologia, história, estudos da linguagem, ciência política e análise cultural –, que pretendo discutir brevemente. Propostas em grande parte como dispositivo heurístico que implica mais exclusividade mútua do que existe realmente na prática, essas não foram as únicas disciplinas que abordaram o jornalismo. Mas as perspectivas que proporcionam oferecem um vislumbre do leque de alternativas através das quais o jornalismo pode ser conceituado. Vale a pena mencionar os pressupostos subjacentes que cada quadro impõe em sua análise do mundo jornalístico.

Cada um deles oferece uma maneira diferente de abordar a importância do jornalismo. A sociologia investigou como o jornalismo é importante; a história, como era sua importância passada; os estudos da linguagem, por meio de que ferramentas verbais e visuais ele é importante; a ciência política, como deve ser importante; e a análise cultural, como é importante diferentemente. Perdida aqui, ou ao menos deixada no pano de fundo do ambiente de pesquisa, está a maneira como cada uma dessas respostas envolve a questão mais ampla de por que precisamos compreender o jornalismo, para começo de conversa.

A **SOCIOLOGIA** oferece a configuração-padrão para pensar

sobre como o jornalismo funciona. Em grande parte construída sobre um memorável corpo de trabalho chamado etnografia da notícia ou estudos das redações, dos anos 1970, a investigação sociológica, de modo geral, criou uma imagem do jornalismo que se concentra em pessoas, em vez de documentos, em relacionamentos, rotinas de trabalho, e outras interações formais entre os membros da comunidade envolvida na busca e na apresentação das notícias. A Sociologia estabelece a ideia de que os jornalistas funcionam como seres sociológicos (com normas, práticas e rotinas), que existem em ambientes organizacionais, institucionais e estruturais, e que invocam algo semelhante à ideologia em seu trabalho com a notícia.

Como a Sociologia privilegiou amplamente o estudo das práticas dominantes em detrimento das excepcionais, concentrando sua análise em fases do processo de produção de notícias, em vez de considerar o fenômeno como um todo, esta ciência criou uma imagem do jornalismo a partir da qual muitas outras investigações procedem. Sua ênfase no comportamento e no efeito, mais do que no significado, no padrão mais do que na violação, no coletivo mais do que no individual, ajudou a avançar a visão dos jornalistas como profissionais, embora não muito bem-sucedidos. Esse trabalho permanece um pouco preso a seu passado, na medida em que os estágios iniciais foram insuficientemente atualizados para incluir tendências mais contemporâneas rumo à conglomerização, corporatização, padronização, personalização, convergência e às múltiplas naturezas (em geral diferentemente normativas) do trabalho jornalístico em suas mais recentes formas. Além disso, estão basicamente estruturados nos limites da sociologia norte-americana e seus retratos, principalmente de organizações de notícias tradicionais nos Estados Unidos, pressupondo em parte uma voz universal ao apresentar nossa compreensão do jornalismo.

HISTÓRIA: a investigação histórica de notícias evolui em grande parte a partir das primeiras expansões dos currículos jornalísticos acadêmicos. Central para estabelecer a longevidade do jornalismo e da prática jornalística, a história do noticiário usa o passado – suas lições, triunfos e tragédias – como forma de compreender o jornalismo contemporâneo. Por essa perspectiva, o que atraiu a atenção acadêmica tende a ser aquilo que persistiu. No entanto, a imagem delineada é restrita.

Dependendo em grande medida de documentação e não de pessoas, a pesquisa histórica pode ser dividida em três tipos de documentos principais: história do jornalismo de pequeno porte (memórias, biografias,

histórias de empresas); história escrita de médio porte (organizada em torno de períodos, temas e eventos temporais, como “tabloides” ou “jornalismo de guerra”) e história escrita de grande porte (em que a preocupação envolve principalmente a articulação entre o Estado-nação e os meios de comunicação, que mais uma vez difere enormemente, de acordo com o país considerado). Falta aqui um conceito mais consciente do papel que escrever a história tem, tanto para o jornalista quanto para o mundo acadêmico. As histórias da prática jornalística publicadas principalmente nas escolas dos Estados Unidos com o objetivo de legitimar o jornalismo como um campo de pesquisa não se adequam às assim chamadas histórias objetivas, que seguiram o modelo do historicismo alemão, e não fizemos o suficiente para descobrir como as duas se encaixam. Aqui também o foco na extensa história dos Estados Unidos (e em seu viés progressista) tem ignorado a evolução extremamente rica e variada da prática jornalística em outras partes do mundo. Não é de surpreender que muitos desses estudos tenham tido de enfrentar a questão de quem pode reivindicar o passado. O problema da “história do jornalismo de quem” permanece até hoje um desafio fundamental para quem faz pesquisa histórica.

LINGUAGEM: o estudo das linguagens do jornalismo pressupõe que as mensagens dos jornalistas não são transparentes nem simplistas, mas resultam da atividade construída dos falantes. Desenvolvida em princípio apenas nos últimos 35 anos, mais ou menos, essa área tem sido marcadamente europeia e australiana. A combinação de características formais da linguagem – como a gramática, a sintaxe e a escolha de palavras – com outras menos formais – tais como modos de contar histórias, padrões textuais e narrativos – evoluiu para a abordagem da linguagem verbal, do som, das imagens fixas e móveis, e dos padrões de interatividade.

Existem três tipos de estudo da linguagem: o informal, que usa a linguagem como pano de fundo, sem examinar exaustivamente suas características (aqui eu incluiria a análise de conteúdo e a semiologia); o formal (aqui eu incluiria a sociolinguística, a análise do discurso e a linguística crítica); e, finalmente, o estudo da pragmática da linguagem – padrão de uso da linguagem na notícia como moldada pelas convenções narrativas e modos de contar histórias, retórica e enquadramento. Essa investigação tem ido em direções diferentes, com a perspectiva em grande parte voltada para os aspectos políticos da linguagem das notícias, da narrativa e do modo de contar histórias, e dirigida aos seus aspectos culturais e às formas particularmente alternativas, como os tabloides ou os fanzines noticiosos. Ao sublinhar não só a forma da linguagem em

si, mas também o seu papel na vida social e cultural mais ampla, esse trabalho, em grande parte micro analítico, sofre da falta de aplicabilidade a outros tipos de investigação. Ao mesmo tempo, porém, sua premissa básica de que a linguagem é ideológica desafia simultaneamente as duas tradicionais correntes dos estudos de jornalismo, assim como as reivindicações jornalísticas de que a notícia é um reflexo do real.

CIÊNCIA POLÍTICA: cientistas políticos têm mantido por muito tempo um interesse normativo no jornalismo, questionando como o jornalismo “deve” funcionar em condições ideais. Interessados em examinar o jornalismo por uma perspectiva centrada no mundo político, uma pressuposição de interdependência entre política e jornalismo motiva essa investigação, e assim muitos estudiosos esclareceram como o jornalismo pode servir melhor aos seus públicos. A investigação da ciência política varia de amplas considerações sobre o papel da mídia em diferentes tipos de sistemas políticos (as clássicas Quatro Teorias da Imprensa vêm à mente aqui) a estudos do comportamento de campanha política ou pesquisa sobre os padrões das fontes de repórteres e funcionários. Aqui, eu também incluiria a extensa literatura sobre o jornalismo público. Com os Estados Unidos, principalmente, em foco (embora algum trabalho paralelo seja feito nos departamentos de governo e política no Reino Unido), esse trabalho considera o papel “político” do jornalismo na elaboração de notícias, tal qual o jornalismo em seus mais altos escalões – donos das empresas jornalísticas, diretoria, editores-chefes –, mais frequentemente do que em seus níveis mais baixos de jornalistas individuais, a menos que ouçamos casos específicos de jornalistas que fazem algo incomum (Edward Murrow ou Dan Rather, por exemplo). Muitos desses estudos são motivados por impulsos normativos e concluem com notas, o que sugere que o jornalismo está e deve estar em sintonia com os impulsos políticos mais gerais da sociedade como um todo.

ANÁLISE CULTURAL: finalmente, a análise cultural do jornalismo gosta de se ver como o *bad boy* da vizinhança. Define-se a si mesma pelo questionamento dos pressupostos por trás da própria consciência de si do jornalismo, procurando analisar o que é importante para os próprios jornalistas e explorar os sistemas de símbolos culturais pelos quais os repórteres compreendem sua profissão. Ao assumir a falta de unidade no jornalismo – na rotina da busca de notícias, nas normas, nos valores, nas tecnologias e nos pressupostos do que é importante, apropriado e preferido – e na sua perspectiva de pesquisa, que utiliza várias ferramentas conceituais para explicar o jornalismo, a maior parte dessa investigação tem seguido duas vertentes, em grande parte paralelas àquelas evidentes

nos modelos dos Estados Unidos e do Reino Unido nos estudos culturais – o primeiro com foco nos problemas de significado, identidade grupal e mudança social, e o último em sua intersecção com o poder e os padrões de dominação. Esse trabalho analisa muito do que não foi abordado nas outras áreas de investigação – visões de mundo, práticas, violações, forma, representações e audiências – mas sempre com um olhar voltado a descobrir seu significado, e necessita alguma consideração sobre os limites vagos dos diferentes tipos de trabalho com a notícia – tabloides e grupos principais, reality shows de TV e redes de radiojornalismo, e do trabalho com a notícia e o mundo da não-notícia. O valor de parte desse trabalho, no entanto, foi desafiado pela própria ambivalência da questão sobre o que fazer com a reverência do jornalismo pelos fatos, verdade e realidade, todos os quais são objetos de negociação e de relativização, quando vistos através de uma lente cultural.

Cada uma dessas perspectivas disciplinares para estudar o jornalismo é singular e particular, criando a necessidade de um compartilhamento mais explícito e abrangente em todas elas. Não só esse compartilhamento ajudaria a gerar uma visão ampla do jornalismo no momento de sua criação, mas iria também compensar a miopia com que muitos estudos sobre o jornalismo têm sido concluídos. Como os estudiosos tendem a conceituar notícias, produção de notícias, jornalismo, jornalistas e os meios de comunicação com as perspectivas explicativas que usam para explorar essas temas, e de quais campos de investigação tomam emprestadas as perspectivas para a formação de suas premissas, são perguntas que precisam esclarecimentos posteriores. Apesar de ser difícil considerar os entendimentos divergentes do jornalismo – além das fronteiras nacionais, mídia, interesses, períodos temporais e localidades –, ainda não há uma descrição unitária em que se encaixem todas as suas evoluções. Assim, a adoção de vários pontos de vista é necessária, porque o estudo do jornalismo existente não produziu um corpo de material acadêmico que reflita todo o jornalismo. Também não produziu um corpo de pesquisadores que estejam familiarizados com o que é feito em toda linha de pesquisa.

Então, o que podemos fazer? Precisamos descobrir um meio de posicionar o jornalismo no núcleo desse mix de perspectivas acadêmicas, a partir das quais ele pode prosperar fecundamente. Em alguns lugares, isso já aconteceu. A fundação de duas revistas nos últimos anos da década de 1990 – *Journalism: Theory, Practice and Criticism* e *Journalism Studies* – reflete a necessidade de um lugar concentrado para disseminar as preocupações sobre jornalismo que derivam da investigação científica. Nessa mesma época, desenvolveram-se novos centros de pesquisa que

se dedicam ao estudo de certos aspectos do desempenho jornalístico: trauma, religião e jornalismo *online* são apenas alguns exemplos. Além disso, centros que visam especificamente os estudos jornalísticos se estabeleceram internacionalmente em lugares como a Universidade de Cardiff, o Centro Escocês de Estudos do Jornalismo, a Universidade de Pristina nos Bálcãs (fundada em 2002), todos tentando fornecer ensino das práticas jornalísticas ao lado de cursos acadêmicos no estudo do jornalismo. Finalmente há o Grupo de Interesse em Estudos de Jornalismo, iniciado na ICA (*International Communication Association*) com a intenção de unir teoria, pesquisa e ensino de jornalismo. Em todos os casos, esses esforços fornecem uma correção às limitações da pesquisa sobre jornalismo em sua estrutura atual.

Então, mais amplamente falando, o que temos de fazer com o jornalismo? Temos simplesmente que torná-lo importante de uma forma que não aconteceu até agora.

1) Temos de descobrir como colocar a profissão, o ensino e a pesquisa em uma mesma mesa. Entender a natureza simbiótica da relação entre eles ajudará a situar o jornalismo mais completamente na imaginação do público. Os estudos do jornalismo devem incluir os diferentes tipos de engajamento do jornalismo – os de quem pratica jornalismo, os de quem ensina outros a praticarem o jornalismo, e os daqueles que ensinam ainda outros a pensarem criticamente sobre o que a prática significa.

2) Devemos adotar melhores elementos de ligação entre o jornalismo e o currículo universitário mais amplo – reconhecer o jornalismo como um ato de expressão o vincula diretamente às humanidades e reconhecer o impacto do jornalismo o relaciona diretamente às ciências sociais. Essa não é uma ideia nova – Ev Dennis fez um apelo semelhante em 1984 e essa noção é essencial à recente Iniciativa Carnegie-Knight sobre o Futuro do Ensino de Jornalismo. É também essencial ao recente programa de jornalismo e mídia europeu Erasmus Mundus, que organiza cinco países em torno da capacidade do jornalismo de responder aos problemas de integração e desintegração na Europa (Universidade de Aarhus, Dinamarca; Universidade de Amsterdã, nos Países Baixos; Universidade de Wales em Swansea; Universidade City, no Reino Unido; e Universidade de Hamburgo, na Alemanha).

3) Temos de reconhecer que cada visão do jornalismo oferece apenas isto: um ângulo, entre outros, a partir do qual considerá-lo. Somente por meio desses ângulos ficamos mais bem capacitados para ver como o jornalismo funciona e por que ele importa. Essa pode ser a questão a ser oferecida, ressaltando que não estou sugerindo um

fórum elogioso para o jornalismo e sua maneira de se engajar com os problemas atuais. Mas acredito que um envolvimento mais firme em pensar com o mundo dos pesquisadores sobre o que o jornalismo não é, mas poderia ser, e como ele pode se envolver, diferentemente do que faz agora, é a melhor oportunidade que temos de mudar o jornalismo tal qual o conhecemos hoje.

4) Precisamos manter nossa investigação porosa – examinar não só o que muitos de nós sabemos sobre o jornalismo, mas como chegamos a um consenso sobre o que sabemos. Seguindo algumas das linhas interdisciplinares e transdisciplinares por meio das quais examinamos as notícias, podemos ainda encontrar uma forma mais completa de reconsiderar os estudos existentes. O mesmo se aplica a todas as regiões e períodos de tempo. Assim fazendo, podemos apontar novas direções na pesquisa futura sobre o jornalismo, direções que ressoam mais amplamente com as preocupações globais que enfrentamos.

Tudo isso é uma longa maneira de dizer que precisamos descobrir como fazer um jornalismo mais do mundo, simultaneamente mantendo-o na vanguarda de nossa imaginação. Encontrar uma resposta para a pergunta “o que fazer com o jornalismo” depende de estarmos à frente de seu desenvolvimento – antecipando aonde ele precisa ir e vislumbrando formas amplas e criativas de chegar lá. O jornalismo é importante demais para não abordar as questões que levantei aqui, mas se não lutar rapidamente com elas, ele se torna questionável quanto ao tipo de futuro que vai enfrentar. Thomas Paine disse há muito tempo: o jornalismo nos ajuda a “ver com outros olhos, ouvir com outros ouvidos e pensar com outros pensamentos do que aqueles que anteriormente usávamos”. Ao pensar sobre o jornalismo e sua conexão com o campo internacional de pesquisadores, podemos muito bem fazer o mesmo.

Barbie Zelizer é professora da Universidade da Pennsylvania e doutora em Comunicação pela mesma universidade. É fundadora da revista *Journalism: Theory, Practice and Criticism* e autora de mais de 10 livros na área de jornalismo e cultura.

ARTIGO ORIGINALMENTE PUBLICADO EM DEZEMBRO DE 2007.